

Joana Magalhães

MIRAGEM – discursos sobre o fim

FICHA TÉCNICA DA EXPOSIÇÃO

Conceção Joana Magalhães **Cocriação** Marisa Escaleira, Stephane Alberto, Susana Paixão **Design de luz e som, Direção técnica** Vasco Ferreira **Vídeo** Vasco Mendes **Guias das visitas guiadas** Fátima Vieira, Joana Montalverne, Victor Moita **Direção de produção** Maria Inês Marques **Produção executiva da exposição e visitas** Nuno Eusébio / Pangeia - Associação Artística, Joana Sarabando **Apoio à produção** Pedro Costa **Costureira** Maria Costa **Apoio à construção** Cristóvão Neto, José Queiroz, Mariana Fonseca, Nuno Mega **Fotografia** Mafalda Lencastre **Grafismo** Diana Ferreira **Acolhimento** Culturgest Porto **Com o apoio do programa** Criatório 2021 da Câmara Municipal do Porto. **“Furar a Neve” teve o apoio da** República Portuguesa / Cultura - Programa Garantir Cultura **Apoios** Plataforma UMA, Cão Danado, Comédias do Minho, Pastofo, Depósito da Marinha Grande, M. Guimarães Novais & Maia, Lda., Niepoort, Teatro Nacional São João **Agradecimentos** Camila Andrade, Sara Barbosa, Patrick Hubmann, Diana Sá, Catarina Barros, Sílvio Rocha, Ricardo Lopes, Sr. Josué, Fátima Rosário



Joana Magalhães

MIRAGEM – discursos sobre o fim

8 OUT – 27 NOV

ter-dom, 13h-18h

MIRAGEM é uma exposição performativa sobre o fim definitivo – a EXTINÇÃO. Em diálogo aberto com o fim, na tentativa de o adiar/perceber/aceitar, Miragem é uma ação especulativa, um laboratório de novas possibilidades de imaginação e experiência. A exposição apresenta três instalações compostas por peças de diferentes formatos (vídeo, escultura, som), criadas por Joana Magalhães. Nesta série, através da desconstrução de discursos apocalípticos e catastrofistas contemporâneos que rodeiam o tema central, geralmente vinculados à não-ação, projetam-se novas mitologias de subsistência do futuro baseadas na construção de narrativas que introduzem o fim do mundo como um acontecimento inevitável mas possível de adiar e com o qual podemos e devemos dialogar. Necessariamente oníricas, as obras apresentadas são como pedaços arrancados do inconsciente coletivo que se veem plasmadas no espaço expositivo e para as quais contribuiu o pensamento de autores como Dipesh Chakrabarty, Donna Haraway e Eduardo Viveiros de Castro, muita cultura pop, uma longa tradição de narração oral e a radical vivência da infância. Através delas, atualizam-se estratégias ancestrais de lidar com o fim e projetam-se visões utópicas. Estas visões utópicas, que emergem da paisagem nos seus múltiplos estádios de devir, fluindo de baixo para cima e evocando perspectivas rizomáticas submersas, descolonizam o imaginário. É próprio do imaginário colonizado impor a categoria do impossível e da necessidade e, se necessário, a da fatalidade, seja sob o signo da Natureza, seja sob o da teologia. Mas imaginar é também fragilizar o real, reapropriar-se da sua fragilidade e fazer entrar nas palavras, nas imagens e nos gestos a categoria do possível e a força das indeterminações.

Joana Magalhães (1982) é uma artista e performer que trabalha sobretudo na área do teatro. O seu trabalho é caracterizado por uma forte componente plástica e por um humor lúdico. A pesquisa sobre o fim e os seus discursos bem como a dicotomia trabalho-lazer têm ocupado grande parte da sua produção artística. Esta exposição de pendur surrealista é um dos projetos vencedores do programa Criatório 2021, promovido pela Câmara Municipal do Porto.

5 *Love Song – O que está morto está morto*, 2022

Joana Magalhães & Stephane Alberto

Em *Love Song – O que está morto está morto*, o espetador é convidado a olhar e a contemplar um acontecimento valioso: o fim. Neste caso, o fim biológico consumado. No *memento mori* é explorada a importância de olhar de frente a morte, de reconhecer o fim da vida que já cessou, de fazer o seu luto e de não viver apenas no terror do advento de um fim maior, a extinção.

O corvo, animal que acompanha o cadáver como doula de fim de vida, para além de ser um dos poucos animais que pratica rituais fúnebres, é necrófago, pontuando a continuidade entre fim e início, entre morte e vida.

FICHA ARTÍSTICA

Direção, Conceção e Voz-off Joana Magalhães **Cocriação e construção** Stephane Alberto **Composição sonora** Vasco Ferreira **Desenho de luz e som** Vasco Ferreira

4 **Manifesto do teatro contemplativo**, 2019

Joana Magalhães

Um. Um *teatro contemplativo* tratará de responder aos novos regimes de percepção e atenção de uma sociedade sobrecarregada de estímulos visuais e com compulsão para a hiperatividade, convidando o espetador a ver. Dois. Um *teatro contemplativo* deverá proporcionar uma alteração na percepção e na consciência do espetador, não impondo o que ver através de um excesso de estímulos ou de impulsos metodicamente compostos. Três. Um *teatro contemplativo* tratará de fazer aparecer o estado de “cansaço translúcido” de Handke*, a contemplação e a melancolia, o espaço livre da imaginação. * O “cansaço translúcido” de Handke – o que habilita o homem para uma serenidade e abandono especial, para um não fazer sereno. Não um estado onde todos os sentidos estariam extenuados: pelo contrário, uma visibilidade específica que permite o acesso a uma atenção totalmente distinta, um acesso às formas longas e lentas que escapam à hiperatenção curta e rápida. Um cansaço de potência negativa, do não-para, traço essencial da contemplação.

FICHA ARTÍSTICA

Criação Joana Magalhães **Execução da serigrafia** Oficina Mescla

1 **Furar a neve**, 2022

Joana Magalhães

Furar a neve documenta o momento em que as escalas de finitude individual e de finitude coletiva entram numa trajetória de convergência para se tornarem numa verdade afetiva difícil de administrar. O caráter hiperobjetivo e apocalíptico do fim coletivo é gerador de um vazio existencial concentrado num animal dividido entre sombra e luz: o panda. O fim da ficção é o gesto inaugural deste vazio. É nas suas ruínas que se ativam novas mitologias de subsistência de um futuro que irremediavelmente conterá um termo, um finito, um *caput*, contrariando as ideias capitalistas e extrativistas sem fim à vista.

FICHA ARTÍSTICA

Realização, Guião, Produção e Direção de Arte Joana Magalhães
Direção de fotografia Paulo Pinto **Interpretação** Joana Magalhães
Produção, Caracterização e Duplo Maria Inês Marques **Decoração e assistência de platô** Susana Paixão **Execução de figurino** Paula Cabral **Captação de som, banda sonora e pós-produção áudio** Vasco Ferreira **Edição de vídeo** Vasco Mendes **Apoios** República Portuguesa – Ministério da Cultura, Campus Paulo Cunha e Silva, Jardim Botânico da Universidade do Porto, Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto, Zero Box Lodge, Publívez, Plataforma UMA **Agradecimentos** Diana Pereira, João Barreto, Mafalda Lencastre

2 *Furar a neve*

(Realidade-prazer-prazer), 2022

Joana Magalhães & Susana Paixão

Furar a neve (Realidade-prazer-prazer) apresenta três variações da estufa usada no filme original *Furar a neve*. A estufa, símbolo de conservação e de artifício sobrevivencialista, é também apresentada como casa. As três variações correspondem às três casas construídas no conto tradicional *Os três porquinhos*, regidas, respetivamente, pelo princípio do prazer, prazer, e realidade. Ao contrário da história popular, que apresenta as casas por ordem crescente de robustez e de artifício, aqui a ordem é invertida, antecipando uma maior valorização da casa três (a casa de palha). Esta série, permeada pelo universo dos contos populares e da tradição oral, apresenta três formas distintas de adiar o fim, pondo em evidência as estratégias, muitas vezes violentas, de conservação e de recusa de tudo o que sabemos sobre ecologia e biologia ao isolarmos o ser humano do resto do mundo.

FICHA ARTÍSTICA

Criação Joana Magalhães **Cocriação e execução plástica** Susana Paixão **Design de luz e som** Vasco Ferreira

3 *Haiku*, 2019

Joana Magalhães & Marisa Escaleira

Haiku é um elogio à preguiça (pecado capital) e à preguiça (animal), ambas em vias de extinção. Apresenta a contemplação e a desaceleração como forma de adiar o fim. A instalação foi apresentada pela primeira vez em 2019, na mala voadora Porto, e em 2020 integrou a performance duracional *Haiku extended*, onde a prática da preguiça é apresentada como desporto olímpico.

FICHA ARTÍSTICA

Direção, Conceção e Voz-off Joana Magalhães **Cocriação e execução plástica** Marisa Escaleira **Desenho de luz e som** Vasco Ferreira